

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Manhã Class.: 39
 Data: 19.04.83 Pg.: 1

**No Dia do Índio,
a fome dos Krahô**



A "corrida de toras", uma tradição que os Krahô mantêm

Os índios não têm por que comemorar o seu dia, que é hoje. Os Krahô, por exemplo, mal conseguem o que comer, pois a caça acabou e o que plantam é pouco. Submetidos, em todo o país, a tratamentos cruéis, eles estão perdendo sua identidade cultural. Mas não desistiram da luta. Págs. 7 e 13 e DM Revista



O paparutu, uma comida tradicional feita com massa de mandioca e carne, enrolada em folhas de bananeira. Ao lado, duas vasilhas com arroz

No Dia do Índio, os Krahô não têm nada a comemorar

Na sua choça, o cacique da aldeia Cachoeira quis saber tudo que a enviada especial do DIÁRIO DA MANHÃ, Lúcia Pedreira — batizada pelos Krahô com o nome Amin-kroukui Ktxu (o Sol muito longe) — estava fazendo lá, entre os índios na imensidão da mata ao Norte de Goiás. Depois, o cacique Antônio Cavalcante recordou: "Antes merin (índio) não precisava nada dos cupê (branco), vivíamos livres. Tínhamos tudo. A terra era nossa". Agora, tanto os Krahô como todos os índios brasileiros só têm o dia 19 de abril.

O hábito da caça ainda perdura entre os Krahô. Assim que termina a reunião no pátio, um ritual da tribo, os homens deixam a aldeia e vão para o mato à procura do tatu, veado ou outro bicho que sirva para a sua alimentação. Só que hoje em dia, na maioria das vezes, retornam às suas malocas sem nada. Como a caça já está difícil, eles se dedicam também à plantação de roças. Atualmente, a sua principal alimentação é o arroz e a mandioca. E o arroz acaba logo, porque é a refeição de toda hora, também servido em suas festas. O estoque normalmente não dura mais que seis ou sete meses.

Por isso, os Krahô reclamam da falta de comida, e que as crianças estão sendo mal alimentadas. Algumas vezes compram gado e matam. A carne é distribuída entre toda a comunidade. A subnutrição talvez seja a causa da pouca resistência a determinadas doenças, como a gripe. As crianças da aldeia estão constantemente gripadas, nesta época e, devido à umidade provocada pelas chuvas, há muitos casos de pneumonia. As mulheres também se queixam muito de problemas ginecológicos, depois dos 30 anos já começam a apresentar distúrbios no ciclo menstrual, antingindo a menopausa precocemente.

PARTICIPAÇÃO

Na tribo Krahô, a comunidade sempre toma as decisões na aldeia. Os assuntos que se referem aos índios são discutidos em conjunto, no pátio, onde costumam se reunir todos os dias, à noite e de manhã. Quando chega um estrangeiro, imediatamente todos querem conhecê-lo e conversar com ele. O

"capitão", principal autoridade, faz o convite para se dirigirem ao pátio onde o visitante formalmente explicará o motivo da sua presença. Cada índio se manifesta e faz muitas indagações, até que tudo fique bem esclarecido.

Eles exigem a participação em tudo que acontece na aldeia. Há dois anos, a Funai está elaborando um projeto de agricultura e pecuária, mas os Krahô não estão satisfeitos e, na aldeia Galheiro, o cacique Milton Rodrigues da Silva disse que vai a Brasília apresentar o seu próprio projeto. "Nós é que sabemos do que precisamos e como deve ser feito", explicou. Portanto, eles deixam bem claro, que, na aldeia, não há chefe de posto superior ao cacique, ele é o representante legítimo de toda a comunidade.

A exemplo das outras nações indígenas, trazem lembranças dos massacres que exterminaram seus irmãos. Um dos maiores desses conflitos entre os Krahô com os "brancos" aconteceu na década de 40 — por questões de terra. Depois, a Funai resolveu demarcar a área. Mas os Krahô também não esqueceram a confusão que ocorreu no ano passado na aldeia de Galheiro. Ela foi invadida por policiais armados de metralhadoras. Isto, devido a uma acusação feita por funcionários da Funai — de que estavam cultivando maconha em suas roças. "Tudo mentira".

O pânico foi geral, mas os índios reagiram e expulsaram os invasores, "depois de dar-lhes uma lição". Os Krahô prenderam e bateram em alguns policiais. "Foi um insulto; e nós não aceitamos isto. Onde está nossa liberdade?" — bradou o ex-cacique da aldeia, João Canuto.

Depois dos massacres

Os Krahô vivem em sete aldeias dentro da reserva: Pedra Branca — a maior delas —, Pedra Furada; São Vidal, Cachoeira (onde ainda seguem muitos rituais), Santa Cruz, Galheiro e Rio Vermelho. Há ainda um povoado dentro da área — chamado Morro do Boi — com 30 pessoas, descendentes dos Krahô. Segundo o mestiço Rufino Vieira, a sua família se desmembrou da tribo quando houve um massacre na aldeia onde morava seu avô, que era índio, Bernardino. Nesta ocasião, muitos índios morreram e o velho,

fugindo do conflito, foi morar com seus parentes longe da aldeia.

Perdendo o contato com os índios de sua tribo, seus filhos se casaram com o "branco". A família continua morando na reserva, mas não tem nenhuma característica que lembra os Krahô, e sequer cultuam seus rituais e nem falam a língua. Agora, o povoado — que não recebe nenhuma assistência da Funai — escolheu um índio da aldeia Galheiro para ser o cacique de lá e quer que o órgão-tutor os considere como índios.

A repórter é batizada

A corrida de tora é uma tradição antiga do grupo Jê e muito comemorada entre os Krahô. Na aldeia Pedra Branca os índios fizeram uma apresentação no último dia que esteve na aldeia. Homens e mulheres, de corpo pintado, cortaram pedaços do tronco do buriti, de 50 a 100 quilos, aproximadamente. A corrida começa no mato: primeiro, partem os homens com as toras mais pesadas nos ombros; depois as mulheres — todos fazem revezamento com os companheiros. O ritual é seguido de gritos e cânticos.

Ao chegarem à aldeia dão várias voltas em círculo, contornando o pátio até se cansarem.

Em seguida, se dirigem ao centro. Continua o clima de festa. O cantor, pessoa escolhida pela aldeia por ter boa voz, toca o maracá. Os índios formam filas e o acompanham. Mas esta brincadeira em Pedra Branca, naquele dia, teve mais uma razão: meu batizado. Antes, eles me consultaram se poderiam dar-me um nome Krahô, e eu

aceitei. Não houve o ritual comum para o batismo, porque eu teria que ir embora, e não foi possível fazer os enfeites para a festa (todo o corpo do homenageado é coberto de penas e muitos presentes lhe são doados). E um outro problema desobedeceria também o cerimonial: eu deveria dar um boi, pois a festa é realizada com muita fartura, faz parte da tradição.

Duas filas se formaram. Um índio que segurou a minha mão direita foi anunciando aos outros que, a partir daquele momento, eu também era da tribo. E a mão esquerda foi tomada por uma mulher, que se tornou minha madrinha. Andamos várias vezes entre os outros índios. Final emocionante: fui comunicada que era Krahô. "Este é o seu povo. Quando voltar avisa antes para encontrarmos com você na cidade", disse um deles. Recebi o nome de Aminkroukui Ktxu, mas não sei se realmente é esta a grafia correta, eles é que me ensinaram. Um velho explicou assim o significado do nome: "É o sol muito longe".

"Explicar tudo direitinho"

Era noite, quando o cacique da Cachoeira chegou. Imediatamente, foi informado, pela comunidade, da presença da repórter. Os índios foram à sua procura. "O capitão quer conversar com você", disse um deles. Em sua casa, ele a aguardava; e quis saber tudo sobre seu trabalho. A princípio, exigiu que ela ficasse na aldeia 10 dias, mas, depois de suas explicações, ele terminou concordando que a repórter partisse no dia seguinte. E não deixou de fazer observações: "É preciso saber de tudo direitinho para não contar coisa errada".

Então, foi feito o acordo de que suas reivindicações seriam colocadas no jornal. E Antônio Cavalcante começou a falar: "Falta muita coisa aqui na al-

deia. Antes merin ("índio") não precisava de nada dos cupê ("branco"), vivíamos livre. Tínhamos tudo. A terra era nossa. Agora, não tem jeito. Conhecemos coisas dos cupê e queremos o que é bom. As casas não estão boas; e não temos tempo de melhorar nada. Ficamos o tempo todo na roça. As crianças estão doentes. Nesta época, vem a pneumonia. Precisamos de alguém aqui na aldeia para cuidar dos doentes, dar remédios".

Nas aldeias Krahô para o funcionamento de escolas e enfermarias. Estas construções, no entanto, estão abandonadas devido à falta de utilidade e também por se distanciarem muito das malocas dos índios.